

## ESPECIFICIDADE E POTENCIAL DO PARADIGMA WEBERIANO<sup>1</sup>

### SPECIFICITY AND POTENTIAL OF THE WEBERIAN PARADIGM

Mario Rainer **LEPSIUS**

Universität Heidelberg, Max-Weber-Institut für Soziologie, Heidelberg, Alemanha  
rainer.lepsius@urz.uni-heidelberg.de

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

#### RESUMO

Nesta conferência, pronunciada por Mario Rainer Lepsius (1928-2014) em Heidelberg, no ano de 2003, são apresentados os contornos gerais de um paradigma weberiano. Retomando a sociologia de Weber, ele destaca o seu caráter tridimensional (ação, estrutura e cultura) e sua dimensão histórico-processual, centrada na investigação do processo de racionalização. A partir destes elementos ele destaca a contribuição legada pela sociologia weberiana para a compreensão da história política alemã e explora seu potencial para a compreensão de processos transnacionais como a construção da União Européia enquanto fenômeno sociológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Max Weber. Paradigma Weberiano. Ação social. Estrutura. Cultura.

#### ABSTRACT

In this conference, given by Mario Rainer Lepsius in Heidelberg, in 2003, the general outlines of a Weberian paradigm are presented. Returning to Weber's sociology, he highlights its three-dimensional character (action, structure and culture) and its historical-procedural dimension, centered on understanding the rationalization process. Based on these elements, he highlights the contribution legacy by Weberian sociology for the understanding of German political history and explores its potential for understanding transnational processes such as the construction of the European Union as a sociological phenomenon.

**KEYWORDS:** Max Weber. Weberian paradigm. Social action. Structure. Culture.

---

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente proferido no Colóquio *Das Weber-Paradigma* (10 a 12 de abril de 2003). Ele integra a seguinte coletânea: LEPSIUS, Mario Rainer. Eigenart und Potenzial des Weber-Paradigmas. In: ALBERT, Gert; BIENFAIT, Agathe; SIGMUND, Steffen; WENDT, Claus. **Das Weber-Paradigma**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. Tradução realizada por Carlos Eduardo Sell (UFSC), professor do departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A obra de Weber sempre foi considerada uma enorme pedreira. A partir de sua recepção, desprenderam-se diversos fragmentos que se tornaram matéria regular de ensino: a tese sobre o protestantismo, a tipologia da dominação, o postulado da liberdade frente a valores, a construção de tipos ideais, as características da burocracia, etc. Da mesma forma, uma rica gama de citações, ainda que, em regra, de livros nunca lidos, disseminou-se pelo linguajar culto: políticos ou jogadores de futebol possuem mais ou menos carisma, a ética da responsabilidade deve se sobrepor à ética da convicção, a tarefa do político seria perfurar grossas vigas de madeira com paixão e senso de proporção. Fonte de máximas e citações, Weber se tornou praticamente uma espécie de Goethe das ciências sociais. Nesse sentido, ele tem um lugar garantido no museu da cultura. Mas, dessa forma, sua obra não acabou sendo sutilmente empurrada para a história da ciência? Qual o lugar de Weber na pesquisa social atual? Tendo em vista o capitalismo global, as razões que motivaram o surgimento do capitalismo no século XVII não interessam mais, a tipologia da dominação não discrimina suficientemente as modernas formas de associação política, sejam elas democráticas ou autoritárias, a burocracia moderna não reflete mais o modelo da administração pública prussiana. Weber ainda possui alguma utilidade?

Um constante fluxo de traduções mostra a poderosa fascinação que a obra de Max Weber ainda exerce sobre pesquisadores dos mais diferentes países. Isso, aliado ao fato de que a Associação Internacional de Sociologia incluiu *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e *Economia e Sociedade* no grupo dos livros mais importantes do século XX, mostra que Weber pode ser considerado o mais atual dos pais fundadores da sociologia do final do século XIX e início do século XX. No lugar de proposições e teoremas isolados, é crescente a busca por uma explicação e interpretação do conjunto da obra a partir de seus fundamentos metodológicos e no campo sistemático, mesmo após 80 anos após sua morte, seus conceitos e a especificidade dos seus problemas teóricos legaram a sua sociologia um caráter “teórico-típico” (Wolfgang Schluchter). Ela vem se consolidando na direção de um paradigma, de um modelo de determinação de objetos de conhecimentos sociológicos que vem se estabelecendo ao lado do paradigma sistêmico, da teoria da escolha racional e da teoria da ação comunicativa<sup>2</sup>. Esse é o um dos mais importantes resultados da pesquisa internacional sobre Weber e uma das mais importantes contribuições da re-edição das obras completas de Max Weber (*Max Weber Gesamtausgabe*).

---

<sup>2</sup> Sobre isso, concentrado e conciso: Schluchter (2000).

A sociologia weberiana engloba a ação social, a estruturação de mecanismos de coordenação dessa ação e os contextos de sentido que as orientam. Ela se movimenta, por assim dizer, entre os pólos de um espaço triádico composto pela desenrolar da ação, a formação de estruturas e a construção de sentidos. Cada um dos pólos influencia os demais, mas nenhum pode ser reduzido ao outro. Essa maneira de conceber seus objetos de análise empresta a sociologia weberiana uma dinâmica interna que exige um controle constante das variáveis que regem a constelação no interior do qual se desenrola a ação, a coordenação das ações é bem sucedida e a doação de sentido tem seu lugar. Trata-se, portanto, de uma perspectiva complexa. Mesmo quando, no caso de uma pesquisa específica, uma das dimensões de análises é tomada como variável constante, as outras três estão sempre implicitamente presentes. Essa tridimensionalidade não pode ser confundida com uma análise de múltiplos níveis concebida de forma linear e hierárquica. No nível do “ator social”, a ação social ocorre em um contexto estruturado e em referência a certas representações de valor; o nível da “coordenação da ação” é composto por regras, organizações, associações e instituições, relaciona-se tanto com contextos de sentido que os legitimam quanto com a ação social e; por fim, o nível das “representações culturais de valor” engloba múltiplas combinações de ideias de valor que orientam, como princípios seletivos, formas de orientação da ação e legitimam as ordens sociais.

Conseqüentemente, os conceitos weberianos estão direcionados para a compreensão de processos e não para a descrição de conceitos coletivos, aos quais tendemos a atribuir substancialidade própria. Dessa forma, ele fala em comunitarização e societarização, e não a respeito de comunidades e sociedades. Para ele, ambos constituíam processos dinâmicos que poderiam englobar diferentes tipos de relações sociais. O mesmo também é válido para os conceitos de classe e estamentos. Classe diz respeito a distribuição desigual de poder de disposição sobre bens serviços, enquanto os estamentos repousam sobre a distribuição desigual de prestígio. Ambos influenciam tanto as condições exteriores quanto interiores de vida, como observou Weber em relação as classes, o que também se aplica ao caso dos estamentos. A maneira como essas desigualdades constituem grupos sociais é um fato histórico variável que depende justamente da constelação formada pela organização de interesses, elaboração de fronteiras estamentais, bem como da distribuição do poder e da capacidade de liderança política das organizações de classe e dos agrupamentos estamentais. Processos de formação de classes e formação de estamentos sempre existiram em todas as épocas, tanto de forma independente quanto em correlação mútua. Qual desses processos tende a



se tornar dominante é uma questão que diz respeito ao grau de comunitarização e de societarização. Portanto, existem comunitarizações estamentais em sociedades de classe e diferenciações de classe em comunidades estamentais. Weber transformou as tipologias históricas sobre a passagem das comunidades para as sociedades ou dos estamentos para as classes em dimensões analíticas. Assim, se atualmente no lugar da formação de classes introduziu-se a diferenciação de milieux, isso corresponde a perspectiva weberiana que procura explicar a societarização das desigualdades sociais pela conjunção de diferentes processos sociais, como a mudança das condições econômicas, das barreiras à mobilidade, das organizações de interesses e da socialização em diferentes estilos de vida. Os milieux correspondem às classes sociais de Weber<sup>3</sup>. Diagnósticos de época, tais como os da “sociedade nivelada de classe média” ou mesmo da “sociedade da experiência” seriam, na perspectiva de Max Weber, nada mais do que descrições sub-analíticas de processos de societarização e comunitarização de desigualdades sociais.

O mesmo também se aplica ao conceito weberiano de racionalização. Também ele é particularizado para compreender processos específicos de racionalização. Fundamental para ele é “a especificidade dos processos de racionalização”, quer dizer, a questão de “quais as esferas e em quais direções elas foram racionalizadas” (WEBER, 1978 [1920], p. 12). No centro de sua pesquisa está colocado o contexto da ação que co-determina os critérios de determinação racional da ação. Um comportamento especificamente “racional” resulta da chance de que os contextos de ação se diferenciem de tal forma que em seu interior certo critério de orientação da ação se torne dominante sem entrar em permanente confrontação com outros critérios de orientação da ação. Portanto, tais processos de racionalização da ação são, em princípio, paralelos, eles se confrontam conforme critérios próprios e também lutam pela ampliação do seu campo de validade.

A partir dessa perspectiva abre-se um enorme espectro de possibilidades para analisar os pressupostos e consequências da racionalização para a ação, para os mecanismos de coordenação da ação, para a delimitação externa dos contextos de ação, para o processamento das consequências externas de cursos de ação racionais e seus respectivos processos internos e externos de legitimação. Quanto maior o grau de racionalização, tanto maior é a fragmentação das formas de orientação da ação e ainda

---

<sup>3</sup> Weber (1985 [1921], p. 177) designa como “classe social” o “conjunto daquelas situações de classe entre as quais uma troca é possível pessoalmente e na sucessão das gerações e costuma acontecer tipicamente”. Ele via a unidade das “classes sociais” como instável e marcadamente diversa.

mais nítidas são as fronteiras entre as esferas ou, conforme a formulação de Weber, a demarcação dos limites entre esferas de valor e contextos de ação.

Os conceitos weberianos não são, portanto, nenhuma taxonomia de objetos, mas uma determinação de dimensões analíticas que podem ser aplicados para os mais diferentes campos. Comunidade, sociedade, classe, estamentos e racionalismo são, assim, o resultado de processos sociais complexos que, tanto em sua constituição quanto em sua validade, são bastante frágeis. Seu significado para ação pode ser tanto crescente quanto decrescente, eles podem misturar-se ou mesmo opor-se, podem ainda determinar a institucionalização de estruturas de ação e ainda ter consequências inesperadas no processo de diferenciação e dominância de representações de valor. O interesse de Weber volta-se para as constelações e, nos seus estudos comparativos, para as variações dessas constelações. É muito comum nos deparamos com formulações como:

lutas de classe entre fiéis e camadas devedoras, proprietários e não proprietários ou entre proprietários e arrendadores de terras, interesses dos comerciantes ou consumidores ou proprietários de terras sempre existiram, nas mais diversas constelações. No entanto, o peculiar conflito ocidental entre editores e editados é encontrada de forma apenas incipiente pois falta inteiramente a oposição moderna entre os grandes empresários industriais e os trabalhadores assalariados. Daí porque uma problemática assinalada pelo socialismo também nunca pôde existir (WEBER, 1978 [1920], p. 09).

O peculiar desenvolvimento do Ocidente fundamenta-se, pois, no acúmulo gerado a partir das diferenças nessas constelações. Eles foram detalhadamente descritos e classificados segundo suas camadas portadoras seus correspondentes interesses.

Podemos encontrar esse programa de pesquisa aplicado de forma exemplar em seu estudo sobre *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. A questão central dessa pesquisa repousa na premissa de que o surgimento da moderna forma de vida econômica capitalista requer formas específicas de orientação da ação que se são compatíveis com formas racionais de organização empresarial e calculabilidade. Essa modo de orientação da ação está impregnado de uma ascese profissional intramundana. Essa correlação de fatores é analisada por Weber de acordo com uma cadeia de processos que se desenrolam em diferentes contextos de ação.

O primeiro desses contextos diz respeito ao núcleo normativo da teologia calvinista com sua doutrina da predestinação e sua crença na necessidade da comprovação da salvação. Tantos os virtuosos religiosos quanto os intelectuais tem interesse em uma

teodiceia coerente com uma representação de Deus que seja compreensível e isenta de contradições. Tendo em vista a onipotência divina, a salvação dos homens só pode ser concedida por Deus e não pode ser influenciada pelas boas obras ou pelos sacramentos. Essa construção dogmática corresponde às necessidades dos intelectuais religiosos que, dessa forma, fixam discursivamente sua forma de vida em pequenos grupos.

O segundo contexto emerge das necessidades da prática pastoral. Os fiéis demandam orientação no seu esforço para certificar-se do seu estado de salvação. A radicalidade da doutrina da predestinação os deixa isolados na incerteza a respeito das chances de salvação, já que sua ação não pode contribuir nesse sentido. Em função disso, a prática pastoral enseja uma reinterpretação dessa doutrina. Assim, ainda que a salvação da alma permaneça desconhecida, o estado de graça na qual o indivíduo se encontra pode ser conhecido. Para aqueles que são agraciados por Deus também está reservada uma abençoada vocação profissional. Enquanto as elites religiosas obtêm a certeza de seu estado de graça através da experiência subjetiva do despertar religioso, os demais fiéis podem obtê-la através do êxito profissional alcançado por meio da ascese intramundana. A partir do núcleo normativo desse contexto de sentido emerge uma crença valorativa que orienta a ação, o trabalho ético-ascético.

O terceiro contexto é formado em um espaço de ação através do qual o comportamento pode ser exercido de forma prática. Na medida em que os puritanos desviam-se do comportamento esperado, eles acabam sendo mais ou menos discriminados pelas comunidades religiosas tradicionais. Como, de resto, é o caso em frente a todos comportamentos desviantes de caráter fundamental, surgem relações comunitárias internamente homogêneas. As seitas estabilizam as formas de orientação do comportamento através de rígidos controles e vigilância interativa.

O quarto contexto determina a efetividade dessas formas de orientação da ação externamente, ou seja, para além das fronteiras da seita. O sucesso da difusão da disciplina vocacional deve-se menos à aceitação da rígida ascese intramundana do que ao êxito econômico dos membros das seitas. Esse fator motiva a adoção dessa forma de orientação da ação pelos demais, mas sem que as convicções valorativas originalmente a ela ligadas também sejam assumidas. O êxito econômico é uma consequência não intencionada da ascese intramundana do puritano. Aquele que intensifica e eleva sua atividade profissional tem maiores chances de elevar também seus rendimentos salariais. Como a ascese intramundana proíbe o consumo, sobra como alternativa a poupança e o reinvestimento. Frente a um mercado em crescimento, a renúncia ao consumo e o incentivo a poupança e

ao investimento elevam, por sua vez, as chances de rendimento. Dessa forma dissemina-se uma ética profissional que é perfeitamente adequada ao agir econômico capitalista-empresarial. Como diz a famosa passagem da *Ética Protestante*: o “puritano queria tornar-se um profissional, nós somos obrigados a sê-lo” (WEBER, 1978 [1920], p. 203).

Qual a conclusão dessas reflexões? A correlação entre a crença em certos valores, ordens sociais e modos de orientação da ação é, como diz Weber, uma cadeia de circunstâncias ou, com outras palavras, um encadeamento de diferenciação de contextos entre atores e instituições que podem ser traduzidas de uma arena de ação social para outra. Essas cadeias podem alongar-se e enfraquecer, como parece ser o caso do exemplo desenvolvido por Weber na *Ética Protestante*. Isso nos conduz a seguinte pergunta: que fatores levam a interrupção de uma série determinada? Quais valores perdem seu poder de conformação da ação, quais são as instituições que se mantêm ainda que a relação com seus valores originários tenha se cortado e que tipo de institucionalização domina as demais? São questões cujo estímulo provém da perspectiva de Weber.

Alguns exemplos nos ajudam a esclarecer este ponto. Em seu desenvolvimento histórico, o nacional-socialismo já foi amplamente descrito, no entanto, ele ainda está longe ser sociologicamente explicado. Por que, após a vigência de uma longa tradição jurídico-estatal, chegou-se a uma erosão da ordem jurídica levando a sobreposição de medidas arbitrárias no interior de um marco jurídico tradicional? De que forma a ordem econômica capitalista pôde combinar-se com uma economia (exploradora) estatizada? Como se chegou a divergência entre convicções morais - a depender de distintos contextos de ação? Tais fenômenos não se explicam atribuindo-os a “excepcionalidade alemã”, a anomia estatal, a crise econômica de 1929 a 1933, a vocação para a “ruína”, o carisma de Adolf Hitler ou mesmo a um complexo de obediência alemão. A racionalização contínua de determinados campos de comportamento produziu como consequência um irracionalismo auto-destruidor. Os colaboradores voluntários de Hitler não eram desumanos, eles agiram de forma desumana. Portanto, segundo uma perspectiva weberiana, o nacional-socialismo ainda permanece sub-analisado. Qual foi a série de circunstâncias que conduziu aos assassinatos de massa e as tentativas de eliminação dos judeus e outros povos? Certamente não se trata de uma tradição antissemita alemã.

Nesse mesmo sentido, a história da Alemanha Oriental também ainda se encontra sub-analisada. Como explicar que após décadas de docilidade ocorresse uma surpreendente revolta popular? Quais foram os instrumentos repressivos que inesperadamente perderam seu potencial de ameaça? Foram as condições econômicas que motivaram a perda de

legitimidade do poder político? Em certos momentos, a cadeia de circunstâncias se encurta e cria uma constelação que favorece oscilações emotivas que, em momentos críticos, permite o rápido surgimento de novos âmbitos de ação.

Diante da longa “cadeia” de societarizações e comunitarizações da ação social, da agregação de processos e agentes da coordenação da ação, da seleção e metamorfose de contextos de sentido para a direção da ação e para a legitimação da disciplina (pactuada ou imposta), a questão da imputação causal torna-se um problema central. Por um lado, a conexão causal é determinada pelo modo como é formulado o problema. Esse é o caso quando, ao colocar-se o problema da significação das ideias, aponta-se para a “afinidade eletiva” entre certa forma de condução da vida e o modo de produção capitalista, como o faz Max Weber na *Ética Protestante*. Desse modo, outras correlações são postas de lado. Mas, a partir daí, o capitalismo como um fenômeno que define uma época não chega a ser esclarecido. Por outro lado, as conexões causais podem ser recortadas de forma arbitrária, através de marcos históricos. Tudo que se encontra antes desse marco fica, então, desconsiderado para a explicação do que ocorre depois. No caso da história da Alemanha existem muitos marcos desse tipo: a fundação do Império, a primeira guerra mundial, a ascensão dos nacional-socialistas, o “instante zero” de 1945. A sociologia, enquanto ciência do presente, tem uma memória histórica de curto alcance e inclina-se a encurtar temporalmente as conexões explicativas.

Por fim, eliminando-se determinados contextos de ação, salta-se sobre determinados níveis de análise. Dessa forma, aumentos salariais refletem-se diretamente sobre a legitimidade do governo ou a rigidez dos meios de repressão é relacionada com a suposta docilidade dos indivíduos. Essas explicações são sociologicamente insatisfatórias. Pesquisas de opinião feitas em série deixam a relação causal sem explicação, pois se contentam apenas com a descrição de padrões da opinião pública, enquanto os contextos de ação e suas formas de estruturação não chegam a ser analisados.

Se o capitalismo é a principal força modeladora de nossa época, como pensava Max Weber, e se a partir da natureza capitalista da produção deriva uma humanidade fragmentada, quer dizer, “o profissional sem espírito e o gozador sem coração”, isso não é o resultado direto de determinadas ideias religiosas, mas o fruto de um complexo processo de institucionalização. O próprio Weber sedimentou o caminho para uma análise dos processos de institucionalização. Ideias se tornam concretas quando institucionalizadas na forma de normas de comportamento - da crença na predestinação para a ética ascética profissional. A diferenciação dos contextos de ação propicia sua validação, pois é em seu

interior que elas são sancionadas - os fiéis organizam-se em seitas. Contextos como o de ação com fronteiras claramente delimitadas externalizam seus efeitos - o pobre é o próprio culpado de sua condição. Para a superação desses efeitos requer-se novas formas de institucionalização que se orientam por outras ideias - o cuidado com o próximo por parte de outras seitas. A separação dessas esferas e sua dinâmica própria, resultado de seu grau específico de racionalização, é analisada por Weber em sua “Consideração Intermediária”. É no conflito entre elas e não na luta de classes que ele enxerga a conflito central do desenvolvimento histórico. A partir daí já podemos deduzir o potencial do paradigma weberiano para a atual pesquisa sobre instituições. Ele precisa determinar seus diferentes níveis de agregação, identificar suas ideias diretrizes e precisar seu horizonte de validade. A partir daí resultam os conflitos entre contextos institucionalizados de ação, sua capacidade de imposição, bem como as chances de cada um desses contextos de externalizar na direção de outras instituições os efeitos não desejados e não observados que são produzidos por eles. Os conflitos inter e intra-institucionais são, assim, os poderes que moldam as transformações sociais e culturais que são disputadas pelos atores sociais.

O desenvolvimento da União Europeia é um exemplo bastante atual disso. A ideia diretriz da unificação europeia foi, inicialmente, a tentativa de estabelecer critérios comuns da administração da indústria do carvão e do aço. Nessa direção diferenciou-se um espaço de ação com sua correspondente organização estrutural: a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. Isso foi uma “baliza” (*Weichenstellung*), no sentido weberiano, pois, sem a dissolução da soberania dos Estados-membros, deu-se vida à estruturas decisórias e de formação da vontade coletiva. A partir de então, nenhum dos membros da comunidade poderia dispor de forma autônoma de sua indústria do carvão e do aço, pois isso deveria ser feito em comum através de regras e acordos construídos em comum, regras que eles ajudaram a criar, mas que não podiam ser determinadas unilateralmente. O sucesso dessa nova ordem conduziu a seu alargamento para um projeto de união alfandegária, de uma mercado interno comum e, finalmente, a união econômica e monetária. A “União Europeia” desenvolveu-se pela sucessão contínua de pequenos passos que foram sendo legitimados pela crença no sucesso de um mercado interno compartilhado. Todos deveriam auferir vantagens dos efeitos racionalizadores do mercado comum sobre o crescimento do produto social. Pelo isolamento da economia frente as demais esferas sociais, especialmente do campo político, as tradicionais ordens sócio-políticas internas puderam ser mantidas, apesar das intervenções que, baseadas em critérios instrumentais visando equilibrar a concorrência, tiveram que ser realizadas. A capacidade de adaptação



econômico-social e de amortecimento das consequências da introdução de novas regras ou mesmo da desregulação de antigas estruturas foram externalizadas pelos países-membros por meio de conflitos a respeito da gestão de políticas sociais. Os portadores dessa integração entre estruturas supra-nacionais e estados nacionais-consolidados foi uma pequena e altamente conectada elite, solidamente estabelecida nas estruturas político-administrativas. Foi ela que dirigiu, com enorme competência, essas inovações estruturais. Para esse processo de integração instrumental não foi necessário estabelecer qualquer “finalidade” da comunidade européia ou uma consciência coletiva européia que dissolvesse a identificação como o Estado-Nacional. Essa caso mostra muito claramente como processos de institucionalização ocorrem com maior ou menor velocidade a depender das estruturas de oportunidades que se abrem. Balizas para esse processo foi a concepção de Jean Monet que, baseado na experiência da liga dos povos, questionou a efetividade dos acordos internacionais desprovidos de formas de organização supranacional que demandassem graus maiores de comprometimento, o que acabou se realizando com a Comunidade Europeia do Carvão do Aço.

Como jurista de formação, Weber tinha clara consciência de que balizas não surgem apenas através de revelações religiosas, explosões revolucionárias ou da vontade de líderes carismáticos, mas também através de pequenas revisões nos processos constitucionais. Por isso, ele já recomendava, em 1917, “que o último parágrafo do artigo 9 da Constituição do Império deveria ser suprimido”<sup>4</sup>. Tal artigo previa a impossibilidade de pertencimento mútuo na câmara alta e na câmara baixa. Com a supressão dessa determinação seria possível, então, que parlamentares também tivessem acento e voto no Senado. Isso seria um passo no fortalecimento do parlamento e para a democratização da liderança do império, já que, naquele momento, a oportunidade de uma mudança profunda na ordem constitucional não parecia viável. Certamente, Weber não chamaria essa mudança de baliza. No entanto, o acúmulo de pequenas mudanças pode resultar exatamente no que Weber imaginava ao empregar essa metáfora. Tendo em vista a perante reconstrução de ordens institucionais através de “pequenas” medidas, o emprego dessa metáfora em análises concretas constitui uma tarefa urgente da sociologia. Muitas vezes é preciso tentar avaliar *ex ante* quais são as mudanças com potencial de balizas para que depois, *ex post*, não sejamos surpreendidos e fiquemos sem capacidade de reação. As metáforas weberianas da “balizas” e das “afinidades eletivas” designam tarefas

---

<sup>4</sup> Sobre isso, comparar com Weber (MWG I/15, p. 278).

analíticas complexas, que ele mesmo sugeriu. Elas necessitam converter-se em pesquisas concretas.

Todos conhecem uma das passagens mais citadas do artigo que trata da *Objetividade do Conhecimento*:

Numa época de especialização, qualquer trabalho nas ciências da cultura, após ter-se orientado para determinada matéria através do seu modo determinado de colocar os problemas, e uma vez adquiridos os seus princípios metodológicos, verá na elaboração dessa matéria um fim em si próprio, sem controlar continuamente e de forma consciente o valor cognitivo dos fatos isolados pela sua referência às ideias de valor últimas e mesmo sem tomar consciência da sua ligação com essas ideias de valor (WEBER, 1983 [1922], p. 214).

Weber desejava que a sociologia do seu tempo - as ciências culturais, segundo suas palavras - se tornasse, metodológica e conceitualmente, uma disciplina. É exatamente disso que se trata. No entanto, ele acrescenta a ela um vasto horizonte reflexivo, algo que, atualmente, deveria nos servir de alerta. Os conceitos e problemas teóricos postos por Weber estão voltados fundamentalmente para a questão do futuro da humanidade. De acordo com suas palavras: “não é o bem estar dos homens que nós desejamos cultivar, mas sim aquelas características que associamos com o engrandecimento da natureza e nobreza da humanidade” (MWG I/4, p. 559). É esse pathos humanista que emana de Max Weber que provoca a contínua fascinação que sua obra exerce. Portanto, ainda que a contínua “mensuração” da vida social a partir de pesquisas empíricas seja também uma tarefa indispensável, isso não nos deve induzir à “redução cognitiva dos valores à fatos isolados”. Por sinal, nesse meio tempo, ainda tivemos que lidar com as experiências do nacional-socialismo, do comunismo e do terrorismo fundamentalista.

## REFERÊNCIAS

SCHLUCHTER, Wolfgang. Handlungs- und Strukturtheorie nach Max Weber. **Berliner Journal für Soziologie**, v. 10, p. 125-136, 2000.

WEBER, Max. **Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie**. v. 1. Tübingen: Mohr Siebeck, 1978 [1920].



WEBER, Max. **Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1983 [1922].

WEBER, Max. **Wirtschaft und Gesellschaft**. 5ª ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 1985 [1921].

[MWG I/4] WEBER, Max. **Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik**. Schriften und Reden 1892-1899. Editado por Wolfgang J. Mommsen, em conjunto com Rita Aldenhoff. Tübingen: Mohr Siebeck, 1993.

[MWG I/15] WEBER, Max. Vorschläge zur Reform der Verfassung des Deutschen Reiches. *In*: WEBER, Max. **Zur Politik im Weltkrieg**. Schriften und Reden 1914-1918. Editado por Wolfgang J. Mommsen, em conjunto com Gangolf Hübinger. Tübingen: Mohr Siebeck, 1984.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

### ESPECIFICIDADE E POTENCIAL DO PARADIGMA WEBERIANO

#### Mario Rainer Lepsius

Max-Weber-Institut für Soziologie,  
Universität Heidelberg, Heidelberg, Alemanha  
rainer.lepsius@urz.uni-heidelberg.de

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### HISTÓRICO

Recebido em: 16 de junho de 2020

Aprovado em: 16 de junho de 2020

